

Gustavo Noronha Silva

Marx:
da dialética ao papel revolucionário da burguesia

Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

abril / 2003

Gustavo Noronha Silva

Marx:
da dialética ao papel revolucionário da burguesia

Resenha apresentada a disciplina Sociologia I
do curso de Ciências Sociais da Universidade
Estadual de Montes Claros
Orientador: Prof. Lúcio Flávio

Montes Claros

abril / 2003

Karl Marx: da dialética ao papel revolucionário da burguesia

Gustavo Noronha Silva¹

Karl Marx simplificado: esse é o objetivo da primeira parte do livro. Com uma abordagem didática, usando os textos do próprio autor misturado a comentários interpretativos, as autoras tratam do pensamento de Marx. A seção introdutória discursa sobre as influências causadas e sofridas por Marx e sobre as dificuldades de sintetizar uma obra tão grande quanto a de Marx.

Começa pela dialética marxista que prega — ao contrário da hegeliana — que o elo iniciador da cadeia é a ação concreta. Essa ação cria as idéias e gera reflexão, causando a destruição do modo real até então vigente e criando uma nova forma de realidade concreta. Juntamente com a análise histórica dos fatos, a dialética constitui a metodologia de Marx.

Segundo Marx, ao produzir os produtos necessários à satisfação das suas necessidades o homem reproduz: cria outras necessidades e modifica a forma como vive. Às necessidades naturais dos homens se juntam as necessidades artificiais criadas pela produção social. O *trabalho* como produtor e reproduzidor é, portanto, a “história dos homens”, sendo o substrato principal do materialismo histórico.

Portanto, a estrutura de uma sociedade depende do desenvolvimento das *forças produtivas* e das *relações sociais de produção*. As forças produtivas são a força do trabalho humano somada aos objetos e meios de produção. As relações sociais de produção são as relações adquiridas durante a produção social e definem com quem fica o produto, quem é o dono dos meios de produção e a divisão social do trabalho.

São esses dois conceitos (forças produtivas e relações sociais de produção) os mais importantes na análise de uma sociedade, já que formam a estrutura geradora da super-estrutura, que são tratadas logo a seguir pelas autoras. A super-estrutura contém todas as ideologias, idéias, formas jurídicas, abstrações, conceitos e formas de dominação e alienação. De acordo com a dialética marxista, a super-estrutura é formada depois, já que a estrutura (a prática real) é o ponto de partida.

O texto passa, depois, a uma discussão sobre classes sociais que não foi tratada em uma teoria específica por Marx, mas retirada de seus vários trabalhos. Segundo ele, as classes se formam com a apropriação por alguns de um excedente da produção. Há em todos os tempos um modelo dicotômico: existem os donos dos meios de produção e os que não os possuem. Essa divisão é, porém, simples demais para a análise das sociedades produtivas mais complexas com o surgimento das chamadas “classes médias”.

A dialética marxista dos modos de produção se dá por conflitos de interesses entre classes. Ou seja: a história das sociedades cuja estrutura produtiva se baseia na apropriação dos meios de produção é a história das *lutas de classes*. É necessário que sujam interesses antagônicos aos vigentes para começar a trazer à tona suas contradições e destruir sua unidade. A classe explorada é o mais potente agente da mudança, portanto o proletariado

¹Aluno do 1º período de Ciências Sociais

será o responsável pela destruição do capitalismo para, por meio do socialismo chegar ao comunismo.

A seção seguinte trás conceitos importantes para o entendimento do capitalismo como a mercadoria, que é a forma abstrata assumida pelo produto e força de trabalho. O valor de uso e o valor de troca e o tempo de trabalho socialmente necessário, que é o tempo gasto em todos os elos da cadeia produtiva para produção de uma determinada mercadoria, sendo o parâmetro para definição de seu valor de troca.

Segundo Marx, no capitalismo, o próprio trabalhador se torna mercadoria, vendendo sua força de trabalho. O valor da força de trabalho é dado pelo valor dos meios de vida necessários à criação, desenvolvimento e manutenção da força de trabalho. Ele também acredita que o que é pago ao assalariado é só uma parte do que ele produz. O tempo de trabalho excedente é apropriado pelo dono do capital criando a mais-valia.

O texto mostra como Marx se admirou ao analisar o surgimento e a evolução da burguesia. Essa classe criou um mundo parecido com ela mesma e foi a primeira a provar o que a atividade humana pode realizar. As autoras demonstram como, para Marx, só pode haver uma mudança real através de meios reais. Que há pré-requisitos que precisam ser preenchidos para que haja a mudança no modo de produção.

Um texto de fácil compreensão e agradável leitura: leitura obrigatória para alunos de cursos ligados à sociologia e iniciantes no pensamento social.

Referência Bibliográfica

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. M. de. *Um Toque de Clássicos*. 2. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 27-66.